

À gentil atenção dos membros
do Capítulo Geral XXVII dos SDB
e do Capítulo Geral XXIII das FMA

PRO MEMORIA com relação à custódia do patrimônio cultural

Em primeiro lugar queremos agradecer Superiores e Superiores, Inspetores e Inspetoras pelo grande interesse no acordo à participação de SDB e FMA às atividades da Associação Cultores da História Salesiana (ACSSA), nascida em 1996 por iniciativa do Instituto Histórico Salesiano (ISS), com a aprovação do Reitor-mor, Dom J. E Vecchi, e também sempre apoiada pela Superiora Geral das FMA.

Nos últimos cinco Seminários Internacionais de História da Obra Salesiana, organizados em colaboração com o Instituto Histórico Salesiano, realizados de 2011 a 2013 em Karen, Nairobi – Kenya; Belo Horizonte – Brasil; Benediktbeuern – Alemanha; Cebu – Filipinas; Bangalore - Índia, sobre *O estado da historiografia salesiana na região. Conservação e valorização do patrimônio cultural*, pôde-se refletir juntos sobre a questão ligada à produção e à conservação (e futura utilização) da memória salesiana SDB e FMA, e de outros grupos da Família Salesiana. A partir do senso de responsabilidade para com as nossas Congregações nasceram algumas considerações, que agora submetemos à atenção comum. Elas refletem o ponto de vista de todo aquele que, interessado pela história, necessariamente precisa usufruir da documentação conservada nos arquivos.

Gostamos de lembrar que somos herdeiros de um “Pai Historiador”, portanto devemos dar o melhor de nós mesmos não apenas para cuidar, mas, sobretudo, para valorizar o patrimônio da nossa memória e fazê-lo conhecido de modo interessante ao mundo de hoje. É parte integrante da nova evangelização. Esperamos ser inspirados pela atitude de Dom Bosco, que sabia cuidar desta dimensão na própria formação e se empenhou em escrever a história para promover o bem dos jovens! Somos filhos e filhas de um pai amante das “memórias” de família, para nutrir o senso de pertença à Congregação e de confiança na vida, sempre guiada por um Pai providente.

HISTÓRIA – IDENTIDADE

Para plasmar, consolidar e renovar a identidade salesiana permanece insubstituível a consciência da história, a partir dos primeiros passos da iniciação à missão. Por isso é importante reforçar nos percursos formativos (de todos os anos) o estudo da história da Obra de Dom Bosco e dos seus filhos e filhas, de modo a ficar também compreensível a história da Inspetoria onde os formandos são chamados (por sua vez) a serem membros ativos, depois de se terem apropriado

desta história de modo correto, a fim de que ela possa se tornar “a sua” história.

É fundamental para a nossa vida religiosa ter presente *um liame estreito entre história e espiritualidade*. O estudo da história permite saber como o carisma salesiano se desenvolveu de modo específico em cada contexto e que contribuições trouxe a um tipo de tradição e cultura, com riquezas e limites que, reconhecidos, podem ter reflexos sobre as escolhas e as estratégias de hoje.

Conduzir pesquisas sobre a história salesiana é também *prestar serviço à igreja local e à sociedade civil*, porque pode-se demonstrar como a Congregação (a Inspeção) contribuiu para o desenvolvimento da igreja local e do País (submetendo-se também aos seus condicionamentos). Como disse um historiador burkinabé bem conhecido, Joseph Ki-Zerbo, ninguém pode negar que “as missões cristãs – apesar de toda ambiguidade que também caracterizou a época missionária integrada com a empresa colonial – foram uma das principais alavancas da evolução social, intelectual e moral dos países africanos”¹. Isto vale para todos os contextos, mas, de modos diversos. Exige-se, por conseguinte, estudar este passado, superando a fase dos relatos orais de certa forma sujeitos a imprecisões e parcialidades de julgamento. Uma reconstrução acurada não é totalmente desprezível, também por clarificar as razões profundas da unidade entre os membros, sempre mais internacionais, confraternizados por um espírito.

Mas nenhuma história pode ser escrita sem fontes. A certa altura, na vida de uma instituição religiosa (como de uma Inspeção), nasce a necessidade de investigar sobre as próprias origens, para olhar adiante com clarividência e com escolhas estratégicas, fiéis à identidade, e não apenas ocupados em responder às urgências. O presente e o futuro têm suas raízes no passado. Sobretudo no inverno, são precisamente eles que preparam uma nova primavera. Os arquivos, como guardiões das fontes históricas, são portanto, de fundamental importância. Cada inspeção (Visitadoria, Delegação) deveria fazer uma análise cuidadosa sobre o estado do arquivo na área de sua competência. Grandes melhoramentos podem ser introduzidos mesmo sem gastar muito dinheiro. As futuras gerações das nossas congregações ficarão agradecidas pela forma como cuidamos e conservamos as memórias do passado (que para eles será também o nosso presente).

Da troca de experiências entre os membros da ACSSA emergiram problemas, que assinalamos, experimentando também indicar algumas soluções, conscientes de que exigem decisões concretas e diferentes, segundo as próprias responsabilidades institucionais.

A SITUAÇÃO GERAL QUADRO PROBLEMÁTICO

a. Em nível inspetorial: apesar de tantas solicitações do Instituto Histórico Salesiano, no cuidado com os Arquivos inspetoriais (com poucas exceções)

¹ Joseph KI-ZERBO, *Storia dell’Africa nera*. Parigi, Hatier 1978, p. 439.

ainda há muito a ser feito tanto no que diz respeito ao pessoal responsável, quanto com relação ao estado das estruturas necessárias à conveniente tutela da memória. Além do mais a situação requer intervenções urgentes, a fim de despertar a consciência do dever de lidar com os arquivos inspetoriais como um tesouro precioso para o presente e para o futuro. Se se faz uma limpeza indevida, causam-se danos irreparáveis, porque o que se destrói fica perdido para sempre.

O arquivo histórico continua sob a responsabilidade do Secretário Inspetorial (segundo os nossos regulamentos e as indicações de governo), mas raramente um deles frequenta um curso de arquivística; muitas vezes muda-se de ofício em rápida sucessão. Na maioria das vezes, empenhado em outras tarefas, ele não encontra tempo para este aspecto do seu trabalho. Consequentemente, muitos não tomam plena consciência da sua responsabilidade sobre o Arquivo histórico e, às vezes, não têm uma ideia clara do que seja e de quais sejam os deveres de um arquivista, nem chegam a distinguir entre o arquivo histórico e o corrente. Em geral é insuficiente o curso oferecido aos neo Secretários Inspetoriais, sem outros momentos de formação permanente específica, que permita um confronto entre eles. Muito positivas, por exemplo, são as experiências de algumas inspetorias onde periodicamente se reúnem os responsáveis pela Crônica local.

Na grande maioria dos casos é impossível, e nem mesmo realmente necessário, empregar um arquivista em tempo integral (mesmo se esta for uma solução experimentada e a melhor, ao menos para o período necessário a uma primeira ordenação dos fundos).

Aos arquivos quase não se dedica uma atenção específica na programação das Inspetorias e portanto são negligenciados; não aparecem no elenco das coisas a serem colocadas na agenda e discutidas nos capítulos ou em outros encontros importantes.

b. Em nível local, em cada casa, a consciência de dever cuidar deste aspecto da nossa atividade, nunca privada e de relevância pública, não está enraizada. Para a maior parte, de fato, o arquivo é inexistente. Se há alguma coisa, é uma espécie de depósito para a documentação, desprovido de ordem (massa documental). Assim, será impossível escrever a história da obra. Um passado significativo corre o risco de desaparecer, em detrimento do País e da Congregação.

Constata-se que os poucos arquivos existentes (tanto inspetorial como local), exceto louváveis exceções, não dispõem nem de um *catálogo* nem de um *inventário*, motivo pelo qual ninguém conhece a documentação depositada. Além disso, o *espaço* a esta reservado não dispõe dos *equipamentos* indispensáveis para prevenir os riscos de deterioração ou destruição. Não raro os documentos são armazenados num armário, expostos à poeira, sem quaisquer outras medidas para a sua proteção. Em geral não são utilizados *classificadores* es-

pecíficos, capazes de proteger os encartes e os documentos, da poeira e dos insetos e de outros perigos climáticos. Além disso, eles exigem um tipo adequado de papel.

Os *documentos individuais* não são tratados adequadamente. Entre as coisas mais simples: os grampos metálicos e os cliques que unem as páginas não são removidos e então começam a enferrujar, arruinando o papel. A conservação dos documentos em vários países apresentam também outros problemas devidos à umidade, ao mofo, aos cupins, formigas, traças, etc.

Às vezes, também o lugar e a posição da sala no edifício, são pouco adequados ao escopo.

A conservação das fontes eletrônicas é ainda mais difícil e problemática e é longa a espera por normas reguladoras.

O conceito do tempo. A concepção cíclica, não linear, de muitos povos, poderia representar um obstáculo para a correta valorização dos processos históricos e da sua documentação. A tradição oral das informações, comum a muitas culturas, é inadequada à escrita de uma história documentada e crítica, útil a todos e útil também a quem, tendo vindo de outras casas e Países, não pode saber o que é conhecido por gerações de pessoas que vivem na mesma aldeia ou cidade. A mobilidade do pessoal é também uma razão objetiva para se ter cuidado com a documentação escrita.

ALGUMAS SUGESTÕES PARA A SOLUÇÃO DESTES PROBLEMAS

Devemos reconhecer que não existem soluções fáceis para os problemas inerentes aos arquivos. Todavia, estamos convencidos de que com um planejamento bem pensado e avaliado periodicamente, poder-se-á melhorar a situação. Algumas sugestões:

1. Quando é nomeado um arquivista part-time que também desempenha outro papel, é aconselhável que faça preliminarmente um curso de arquivística. Se isto for impossível, seria preciso fazer de modo que ele adquirisse alguma experiência passando um tempo (as férias?) nos arquivos principais da Congregação, onde um arquivista competente pudesse ensinar-lhe os princípios básicos do trabalho com o arquivo.
2. Os vários Arquivos (de documentos, fotográficos, econômicos, escolares...) deveriam ser sistematizados em uma sala separada do escritório do Inspetor e do Secretário Inspetorial, e fechados a chave.
3. É necessário adquirir recipientes adequados para os encartes e os documentos, embrulhados em papel privado de ácidos. Os recipientes deveriam ser colocados preferivelmente em *estantes de ferro* para protegê-los da poeira, dos insetos e do mofo.
4. A fim de conservar o conteúdo das fontes do arquivo para o futuro, é necessário digitalizá-las.

5. Os problemas devidos à umidade podem ser resolvidos apenas cuidando da climatização dos ambientes do arquivo. É claro, custa fazê-lo, e muito. Se o valor do material é realmente essencial e não se dispõe de um ambiente de arquivo climatizado, dever-se-ia pensar em poder enviá-lo aos arquivos centrais da Congregação para uma devida conservação. Obviamente isto iria exigir que os arquivos gerais estivessem predispostos a acolhê-los, ou arranjassem lugares e ambientes adequados.
6. Os problemas de acidificação e corrosão da tinta podem ser enfrentados e resolvidos apenas por pessoas especializadas. Os documentos afetados por tais problemas deveriam preferivelmente ser passados para os arquivos centrais da Congregação a fim de receberem tratamentos adequados.
7. Para tornar o arquivo mais acessível e facilitar a busca aos usuários é necessário elaborar um inventário e um catálogo das fontes históricas nele depositados.
8. Adequadas linhas-guia devem estar disponíveis para a consulta e a utilização dos arquivos pelos pesquisadores.
9. É preciso ter um registro de visitas. Não deve ser permitido às visitas levar os documentos para fora do arquivo.

ALGUMAS PROPOSTAS PARA O FUTURO

1. Desejar-se-ia que os Inspetores e as Inspetoras levassem em maior consideração este setor da vida da Inspetoria, muitas vezes negligenciado: não somente os arquivos, mas também as bibliotecas, as obras de arte, os museus... e, em seguida, o estudo sistemático do próprio passado.

Na atual fase de reestruturação–unificação das Inspetorias em algumas áreas geográficas (Europa, América Latina...) é indispensável prestar a máxima atenção na conservação (e não desmembramento) dos arquivos inspetoriais originais, mesmo se colocados em novas sedes. O mesmo deve ser feito com os arquivos (e as bibliotecas) das casas fechadas.

2. Assim, providenciem “pessoal” (mesmo leigo) e “meios” (logísticos e financeiros), promovam entre os Secretários Inspetoriais e entre os Diretores das casas, o cuidado para arquivar, conservar e catalogar a documentação.

3. Os superiores, durante a visita canônica, deveriam verificar melhor como é redigida a Crônica de cada casa. Ocorre, além disso, interrogar-se e cuidar da conservação de todos os outros documentos que se referem à comunidade e às suas obras.

4. Recomenda-se a valorização dos arquivos privados de cada salesiano. Trata-se de escritos pessoais (cartas recebidas, cópia das cartas enviadas, fotos e documentos de todo gênero) que, normalmente, com a morte de um coirmão, de-

veriam ser classificados nos arquivos inspetoriais. Os arquivos pessoais assumem mais importância quando se trata de um coirmão que exerceu funções relevantes na Inspeção (numa casa ou numa obra) ou que teve o cuidado de recolher e conservar alguns documentos por interesse pessoal, mas inerentes à nossa história. A “limpeza” do aposento-trabalho de um coirmão falecido é dever do Diretor(a), que deve salvaguardar tudo quanto, conservado pelo coirmão, possa ser de interesse para a Congregação.

5. Um grande problema parece ser a conservação dos documentos eletrônicos (as abundantes correspondências por e-mail, as breves mensagens enviadas pelo Skype, Messenger, SMS...) que desaparecem rapidamente; camadas inteiras da história escapam completamente aos futuros historiadores e ninguém poderá jamais reconstituí-las. Diretrizes mais concretas e precisas deverão ser dadas aos Secretários Inspeção para o arquivamento de documentos eletrônicos, e seria necessário predispor uma avaliação do trabalho feito, para não deixá-lo apenas à mercê da boa vontade de cada um e frequentemente, talvez, à mercê das urgências imediatas.

6. A elaboração da história salesiana em vários Países ainda está para começar. É importante que se faça todo o possível para que seja estudada, redigida por membros autóctones, sem delegar a outros, distantes ou externos, colaborando com todos os interessados.

7. Constata-se que o amor pela história da Família Salesiana infelizmente diminuiu, nas últimas décadas em seus membros, embora o esforço da ACSSA tenha criado um certo movimento de interesse que é sempre apoiado. Dever-se-ia refletir sobre este estado de ânimo condicionado pela nossa cultura. Certamente deve ser promovido o estudo da nossa história tanto na formação inicial como nos cursos de formação permanente, como também a sensibilização para a importância da conservação dos documentos desde as primeiras fases da formação.

8. Deve ser submetida a um exame aprofundado a avaliação da gestão dos arquivos históricos, das bibliotecas, das obras de arte, da nossa Família Salesiana. A ideia primitiva de Dom Bosco de nomear um arquivista parece ser de grande atualidade para o nosso tempo, que exige pessoas competentes que possam realmente custodiar com perícia o patrimônio da memória histórica.

As coisas que requerem atenção não são poucas, então como fazer para que este apelo não fique letra morta? Parece-nos necessária uma decisão institucional, concreta e verificável. Talvez no Capítulo poder-se-ia deliberar sobre a nomeação de uma comissão para indagar sobre o setor arquivístico da ação salesiana, com a tarefa de afrontar esta e outras questões, e definir um programa de organização do arquivo das Inspeções e de cada uma das casas. Um programa que deveria também coordenar as linhas-guia a respeito de quais documentos deveriam ser salvaguardados e recolocados no arquivo e quais não, e quando deveriam ser arquivados. O programa deveria contemplar também a urgência de

informatizar o patrimônio cultural da Congregação, cuidar das bibliotecas, dos museus e das obras de arte.

Ousamos esperar que no bicentenário do nascimento do nosso comum Fundador, nos preocupemos mais com a memória de tudo o que se desenvolveu a partir dele, porque acreditamos que é semente de fidelidade criativa segundo a nossa comum identidade e missão.

Editado por Ir. Grazia Loparco FMA (presidente da ACSSA) e
Dom Stanisław Żimniak SDB (secretário da ACSSA)
em nome da Presidência ACSSA,
com o apoio dos membros do ISS,
e dos 148 membros da ACSSA (84 SDB, 54 FMA, 10 leigos).

Roma, 31 de janeiro de 2014